

Cinema e educação: repertório, temáticas e articulações

Gabriel de Andrade Junqueira Filho (Universidade Federal do Rio Grande do Sul — UFRGS, Porto Alegre/RS, Brasil)

RESUMO — Cinema e educação: repertório, temáticas e articulações — O artigo tem como origem o curso *Cinema e Educação: repertório, temáticas e articulações*, oferecido dentro da programação do projeto Vagalume, Laboratório de Estudos em Audiovisual e Educação, do Programa de Alfabetização Audiovisual, na cinemateca Capitólio, em Porto Alegre(RS), entre setembro e outubro de 2015. Parte da premissa de que o cinema pode educar e ser um grande aliado do professor e dos alunos para conhecerem mais sobre os conteúdos curriculares e os projetos que pretendem realizar ao longo do ano, com diferentes propósitos (Xavier; Bergala; Duarte e Alegria; Fresquet; Fantin; Mello; Migliorin; Junqueira Filho e Barbosa). Para isso, é preciso conhecer o que o cinema já produziu sobre diferentes temáticas, dentre elas, as que interessam a professores e alunos a cada momento do ano letivo. Como saber que filmes selecionar para discutir uma temática? Como acessar esses filmes? Como elaborar um roteiro de exploração para cada filme e para cada temática? Essas foram as perguntas que deram origem ao curso e que procuramos responder coletivamente ao longo dos quatro encontros. Outras perguntas surgiram durante o curso, indicando especificidades de demanda dos alunos: Como organizar situações prazerosas nas quais professores e alunos de dois a três anos possam assistir a filmes e conversar sobre eles? Como o cinema pode ajudar os professores a reencantarem alunos do ensino médio, que vivem cotidianamente em meio à violência, para os estudos e para a vida? Essas trocas entre alunos e professores produziram uma ampliação significativa das possibilidades de articulação entre cinema e escola e reforçaram a necessidade de planejamento e de elaboração de projetos de trabalho para o uso de filmes nos diferentes níveis de escolaridade.

PALAVRAS-CHAVE

Cinema. Filmes. Educação. Escola. Projetos de Trabalho.

ABSTRACT — Cinema and education: repertory, themes & articulations — The present article has its origins in the course *Cinema and Education: repertoire, themes & articulations*, offered within the project Vagalume, Laboratory of Studies in Audiovisual and Education, from the Audiovisual Literacy Program, in the city of Porto Alegre, between September and October 2015. It starts from the premise that the cinema educates and can be a great ally of the teacher and students to know more about curricular contents and about projects which they intend to perform throughout the year, with different proposals (Xavier; Bergala; Duarte e Alegria; Fresquet; Fantin; Migliorin; Junqueira Filho e Barbosa). However, to do so, it is necessary to know what has the cinema already produced about different thematics, among them, the ones which are in the teachers and students interest in each moment of the school year. How can we know which films we have to select in order to discuss a thematic? How can we access such films? How to elaborate an explore guide to each film and each thematic? These were the questions that have led to the course and to which we have tried to answer collectively along the four meetings. Other questions appeared during the course, showing specificities on the students demands: How to organize pleasant situations in which teachers and two or three-year-old students could watch films and talk about them? How can cinema help teachers to re-bewitch to life and studies high school students who live amidst violence? These exchanges between students and teacher have produced a significant enlargement of the possibilities of articulation between cinema and school and reinforced the need for planning and elaborating of work projects in order to use films in the different levels of education.

KEYWORDS

Cinema. Films. Education. School. Work Project.

1 Introdução

Cinema e escola podem, aparentemente, parecer universos inconciliáveis, associados à diversão e ao lazer e aos estudos e ao conhecimento, respectivamente. Muitos professores, no entanto, não veem dessa maneira e promovem o encontro entre esses dois universos, abrindo as portas da sala de aula para a exibição de filmes – ou, ao contrário, levando os alunos às salas de cinema (MELLO, 2014) –, com os mais distintos propósitos (XAVIER, 2008; BERGALA, 2008; DUARTE e ALEGRIA, 2008; FRESQUET, 2013; FANTIN, 2014, 2015; MIGLIORIN, 2014; JUNQUEIRA FILHO e BARBOSA, 2014). Tais práticas de cinema em espaços educativos – as salas de cinema também são espaços educativos, impossível negar –, entre outras coisas, elevam o cinema ao status de conhecimento escolar, tanto quanto de conhecimento científico, relativo às áreas de conhecimento (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Sociais, Ciências Naturais), como o conhecimento cotidiano, num diálogo com os fundamentos de princípios distintos de organização curricular como os temas geradores (FREIRE, 1968), os temas transversais (BUSQUETS et al., 1997), os projetos de trabalho (HERNÁNDEZ, 1998), as múltiplas linguagens (JUNQUEIRA FILHO, 2005), por exemplo, desde a Educação Infantil até a universidade. As crianças pequenas, alheias às discussões teóricas a esse respeito, levam, por iniciativa própria, DVDs de filmes para a escola, seja porque estão apegadas a uma história, seja porque querem compartilhar um presente ou uma aquisição recente, seja porque gostam de assistir a filmes na companhia dos colegas. Tanto as crianças quanto os adultos sabem que o cinema faz pensar, emociona, transforma, emancipa, aproxima e cria mundos – educa.

Em 2014, o que era iniciativa de alguns professores se torna lei:

A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais. (BRASIL - Lei 13.006-14)

O cinema do resto do mundo continua fora da lei, mas não menos presente nas práticas escolares de cinema de professores que, mesmo correndo todos os riscos de

incompreensão e preconceito por outros tantos professores e equipe de gestores, buscam cotidianamente alternativas para utilizar filmes, seja como recursos didáticos para trabalhar conteúdos de áreas específicas do conhecimento, seja para o estudo da linguagem cinematográfica, visando à produção de curtas-metragens com os alunos, entre outros tantos propósitos.

Na reflexão a seguir, analiso a experiência de um curso sobre a utilização de cinema na escola, sob minha coordenação, tendo como foco a elaboração de projetos. Metodologicamente, trata-se de uma livre criação, na medida em que me inspirei, selecionei, signifiquei e articulei aspectos específicos da perspectiva de trabalho com projetos, de Hernández (1998), como o convite ao protagonismo dos alunos para selecionarem, objetivarem e argumentarem sobre o que e por que querem estudar determinado tema, bem como, elaborar perguntas e hipóteses sobre seus objetos de estudo; os temas geradores, de Freire (1968), no que diz respeito a conhecer e valorizar o que os alunos já sabem sobre o que querem aprender mais, tomando esse conhecimento original como ponto de partida para irem ao encontro do que já foi produzido a esse respeito pela humanidade e; a concepção de planejamento em dois tempos e por dois sujeitos distintos, das linguagens geradoras, de Junqueira Filho (2005): a parte cheia do planejamento, elaborada exclusivamente pelo professor, antes mesmo de conhecer os alunos, apresentando suas significações e seus objetivos em relação ao objeto de estudo em questão e; a parte vazia do planejamento, elaborada junto com os alunos, pela interação entre o professor e os alunos, intermediados pelo objeto de estudo que os aproxima, no caso deste curso, a elaboração de projetos para trabalhar com cinema na escola.

2 Um curso em quatro tempos - trabalhando *in process*

Vovô viu a uva, mas o seu neto, provavelmente, viu o vídeo da uva, online, ao vivo ou on demand, bem antes de ter visto uma verdadeira uva. Ler e escrever ainda são fundamentais - o cinema cria imagens, a leitura cria imaginação - mas quem, no século XXI, não souber ver e entender a linguagem audiovisual é um analfabeto funcional. O cinema contém uma ilusão, a de ser um retrato fiel da realidade, dizem que é ver para crer. É preciso aprender a ver e descrever, ensinar a ver, a descrever, reaprender a ver. A linguagem constrói a sua própria realidade e dominá-la é decisivo para entender o mundo que nos cerca, e a nós mesmos. Somos, desde a infância, bombardeados por milhões de imagens, corremos o risco de ficar cegos de tanta luz, surdos de tantos sons, entorpecidos de tanta informação. A educação audiovisual é uma tarefa fundamental do estado, da escola, dos

país, de todos aqueles que se preocupam com o futuro dos nossos filhos, como destino do planeta. (Jorge Furtado, 2015)

A reflexão a seguir tem como origem o curso *Cinema e Educação: repertório, temáticas e articulações*, oferecido na programação do projeto Vagalume, Laboratório de Estudos em Audiovisual e Educação, do Programa de Alfabetização Audiovisual¹. O curso transcorreu em quatro encontros de três horas, das 19h às 22h, sempre às quintas-feiras, entre setembro e outubro de 2015, na Sala de Audiovisual da Cinemateca Capitólio, em Porto Alegre (RS), com uma turma de 35 professores, cinco homens e 30 mulheres, na faixa etária entre 20 e 50 anos, aproximadamente, atuando na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino médio e no ensino superior.

No folder de divulgação do curso, o texto para a chamada dizia:

O cinema pode ser um grande aliado do professor e dos alunos para conhecerem mais sobre os conteúdos curriculares e sobre projetos que pretendem realizar. Para isso, é preciso conhecer o que o cinema já produziu sobre diferentes temáticas, dentre elas, a que lhes interessa a cada momento do ano letivo. Como saber que filmes selecionar para discutir uma temática? Como acessar esses filmes? Como elaborar um roteiro de exploração para cada filme e para cada temática? É sobre isso que iremos conversar.²

O objetivo do curso era, por um lado, conhecer as demandas dos professores em relação ao uso de filmes na escola, desde a educação infantil até o ensino superior e, por outro, na condição de ministrante do curso, enquanto não tinha acesso a essas demandas, conversar e realizar coletivamente alguns exercícios de modo a explorar determinados aspectos da perspectiva de trabalho com filmes em sala de aula.

Após as boas vindas e uma breve apresentação pessoal, projetamos no telão a epígrafe desse texto, de autoria do cineasta Jorge Furtado, escrita e veiculada com o objetivo de chamar a atenção para a imprescindibilidade do trabalho com o audiovisual em diferentes instâncias da vida contemporânea, num momento de crise

¹ O Programa de Alfabetização Audiovisual é uma ação conjunta realizada pelas secretarias da Cultura e Educação de Porto Alegre, através da Coordenação de Cinema, Vídeo e Fotografia e Assessoria de Inclusão Digital; com a Faculdade de Educação da UFRGS, através do Departamento de Estudos Especializados, com financiamento do Programa Mais Educação do MEC.

² Folder elaborado para o curso *Cinema e Educação: repertório, temáticas e articulações* – Programa do projeto Vagalume, Laboratório de Estudos em Audiovisual e Educação, parte do programa de Alfabetização Audiovisual.

no país e de iminentes cortes de orçamento, pondo em risco a continuidade de projetos dessa natureza. A partir da leitura da epígrafe, começamos a conversar.

Desde o primeiro encontro, começávamos a partir da apresentação de algumas pessoas, contando sobre o seu cargo, a escola em que trabalhava e quais suas expectativas e demandas em relação ao curso. Isso possibilitou que fôssemos identificando as diferentes demandas a cada encontro: as possibilidades de aproximação das histórias em quadrinhos com o cinema; a questão do trabalho apenas com cenas específicas dos filmes ou com filmes inteiros; a ideia de cativar para o cinema alunos jovens com histórico de fracasso escolar e indisciplina; a utilização de filmes na formação de professores nos cursos de Magistério e de Pedagogia; o conhecimento, a apreciação e o acesso a filmes fora do circuito comercial de cinemas e dos canais abertos de televisão; a abordagem do tema da violência através de filmes na escola; as contribuições dos filmes para o trabalho com os conteúdos das Artes Visuais; dentre outras demandas. Algumas dessas foram desenvolvidas imediatamente, tanto por quem as apresentava, quanto por mim e pelos demais colegas participantes do curso. Parti do princípio de que era fundamental que todos conhecessem as demandas uns dos outros e participassem, com seus repertórios de formação e de vida, das conversas, que foram dando origem a novos questionamentos e indicando prioridades e encaminhamentos, diante dos pedidos de ajuda de como lidar com determinadas situações envolvendo o uso de filmes na escola.

No primeiro encontro, não nos detivemos em nenhuma demanda específica, pois havia planejado a exibição de três filmes que, em seu conjunto, levariam aproximadamente uma hora e trinta minutos para serem assistidos. O desafio relacionado ao tempo de exibição mais o tempo planejado para atividades complementares à exibição é enfrentado por todo o professor que quer trabalhar com cinema na escola devido tanto à sua carga horária quanto à carga horária dos alunos. Os filmes exibidos foram, nessa ordem: *O balão vermelho*³ - Paris dos anos 50, um

³ O Balão Vermelho (França, 1956, Direção: Albert Lamorisse, 36 min.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_SaRIP44CQQ>. Acesso em: set-2015.

menino francês encontra um grande balão vermelho atado a um poste de luz e decide desamarrá-lo. Inicia-se uma forte ligação entre o garoto e o balão, que passeiam e brincam juntos pelas ruas da cidade; *O menino da calça branca*⁴ -Um menino favelado realiza seu sonho ganhando uma calça branca no Natal. Com cuidado para não sujá-la, evita as brincadeiras com os companheiros e busca o asfalto para mover-se mantendo a calça limpa. Ao assistir a uma pelada de rua, a bola, caindo numa poça, espalha lama sobre seu presente. Volta correndo aos braços de seu habitat, reintegrado à sua gente; *O rolo compressor e o violinista*⁵ – Primeiro filme do cineasta russo Andrei Tarkovski, conta a história de amizade entre um menino perseguido por outros meninos do prédio em que ele morava, os quais queriam destruir o seu violino, e um operador de rolo compressor.

Ao final de cada filme, perguntava se estava tudo bem e se poderíamos assistir ao próximo, ou se queriam fazer algum comentário, ou se estavam cansados. Esse é um cuidado importante para a saúde da relação entre o público, os filmes e quem os escolheu, ou, no caso da escola, entre os alunos, o conhecimento e o professor, elementos sem os quais não se produz a relação pedagógica. Caso os alunos tivessem se manifestado cansados ao final do segundo filme, teria partido para a conversa e para as análises dos dois primeiros filmes, sem ter assistido ao terceiro filme que havia selecionado, privilegiando a relação e não o meu planejamento, o qual incluía o terceiro filme. O grupo quis assistir aos três filmes, porém, ao final, alguns participantes avaliaram que foi cansativo, mas que valeu a pena. No término da exibição, fiz-lhes as seguintes perguntas: por que vocês acham que eu escolhi esses três filmes? Por que a sequência foi essa e não outra? Mal começamos a conversar sobre os filmes e eis que nosso tempo se esgotou, tornando-se necessária a continuidade do exercício no segundo encontro, dali a uma semana.

No segundo encontro, durante outra rodada de apresentações, uma professora de maternal (crianças de dois a três anos), da rede municipal de Porto Alegre, fez um

⁴ O menino da calça branca (Brasil, 1961, Direção: Sergio Ricardo, 22 min.). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qnldlxs5NYI>>. Acesso em: set-2015.

⁵ O rolo compressor e o violinista (Rússia, 1961, Direção: Andrei Tarkovsky, 46 min.). Disponível em: <<https://vimeo.com/23398738>>. Acesso em: set-2015.

depoimento o qual sensibilizou a grande maioria dos participantes. Ela relatou que em sua escola:

(...) a sala de vídeo está sempre cheia de crianças de diferentes idades assistindo, sempre aos pedaços, a filmes de longa-metragem, geralmente desenhos animados veiculados maciçamente pelas mídias, pertencentes ao acervo da escola ou trazidos de casa por outros alunos, cujas exhibições sempre são convocadas e interrompidas sem maiores explicações, em momentos não planejados pelas professoras, com o objetivo de ganhar tempo para providenciar situações inusitadas da rotina, como atraso ou falta de professores, espera para ocupação de espaços utilizados em sistema de rodízio pelos diferentes grupos da escola (refeitório, quadra, sala de música), entre outros (...).⁶

Essa professora indaga quais as alternativas possíveis para assistir a filmes com seus alunos de outra maneira do que essa apresentada pela escola. Conversamos, então, sobre o contexto de seleção e apresentação dos filmes, ou seja, a importância de se refletir sobre a relação entre os filmes selecionados e a história de cada grupo de crianças, ou seja, o que é que um grupo de crianças vinha ou vem explorando, pesquisando, vivenciando no dia a dia que indicou a escolha e a exibição de um filme, ou um grupo de filmes, para aquela turma, naquele momento da história daquele grupo. O que está em questão é uma turma específica e não várias turmas juntas na sala de vídeo para ver um mesmo filme, sem saber por que foram convocadas para tanto. Um princípio fundamental, portanto, é que os filmes estejam sempre em relação com o contexto de vida do grupo para o qual ele foi selecionado e será exibido. Os filmes trazidos espontaneamente pelas crianças para a escola são muito bem-vindos, no entanto, faz-se necessário que a professora ou o professor converse com a criança que trouxe o vídeo de casa, juntamente com todas as outras crianças da turma, sobre, entre outras coisas, os motivos de ela trazer o vídeo para a escola, se gosta daquele filme e, se sim, por que, e se quer assistir a ele com os amigos ou se o trouxe por outros motivos e quais seriam; e se quer assistir a ele, se sugere ver o filme todo ou apenas uma parte e por que, consultando as demais crianças se elas querem vê-lo e como poderiam se organizar para fazê-lo. É importante que a criança argumente sobre sua iniciativa, entendendo que suas contribuições ao grupo são muito bem-vindas, mas, também, é preciso consultar os

⁶ Relato oral da professora realizado durante o curso.

colegas e a professora sobre as possibilidades e o contexto de exibição do filme, de acordo com a rotina da turma.

Quanto à duração dos filmes, consideramos que se for um filme de 90min, aproximadamente, que seja dividido em duas partes, pelo menos. Por exemplo: a primeira parte antes do lanche e do pátio e a outra parte na volta do pátio, com tempo assegurado para conversarem sobre o filme ao final da exibição. Quanto ao ambiente, que seja confortável, com tapetes, almofadas, possibilitando às crianças assistirem ao filme sentadas, deitadas, abraçadas em almofadas, em duplas, do jeito que melhor lhes aprouver, garantindo que todas estejam devidamente acomodadas, proporcionando um momento muito gostoso para elas e também para a professora. Envolver as crianças na organização desse momento é meio caminho andado para que tudo corra bem ao longo da exibição e fazer combinados com elas é uma das providências nesse sentido, da mesma maneira que fazer as perguntas clássicas antes do início da exibição: - Quem quer beber água? Quem quer ir ao banheiro? O que foi que a gente combinou para quando a gente estiver vendo o filme?

Ainda quanto à duração, comentamos que há uma infinidade de desenhos de curta-metragem (de quatro minutos e meio, oito minutos) disponíveis em DVD, Blu-ray, no YouTube e em sites especializados. Sugeri, a partir dessa demanda, começarmos o terceiro encontro apresentando alguns desses desenhos para a avaliação de toda a turma.

Feito isso, passamos para o segundo momento da noite, a retomada das análises e articulações entre os três filmes que havíamos visto no primeiro encontro. Para tanto, comuniquei o grupo sobre duas situações que havia planejado para que isso acontecesse, consultando-os sobre por qual delas gostariam de começar. Uma delas era a conversa propriamente dita; a outra, um jogo de dominó adaptado para quem quisesse jogar; quem não quisesse, ficaria acompanhando o andamento do jogo, sem, no entanto, opinar ou sugerir. A turma escolheu começar pelo jogo e, rapidamente, algumas pessoas se apresentaram para jogar. Arredamos as cadeiras e nos sentamos no chão, junto à parede da frente da sala, onde fica o telão. Aqueles que acompanhariam o jogo se organizaram de pé ou sentados em volta de quem estava no chão.

Seguimos para a apresentação das regras: cada jogador deve escolher entre seus pertences três objetos-peças (cerca de doze pessoas se apresentaram para jogar. O número de objetos-peças depende do número de jogadores; quanto menos jogadores, maior o número de objetos-peças por jogador, visando à complexidade de cada jogada, e vice-versa), os quais seriam usados na mesma lógica do jogo de dominó, ou seja, para que o jogador possa seguir o jogo usando uma de suas peças-objetos, precisa indicar ou estabelecer uma relação de similaridade entre a sua peça-objeto e as peças-objetos que estão em cada uma das extremidades do conjunto de peças-objetos que já foi colocado no chão pelos demais jogadores. Essa relação precisa ser reconhecida e aprovada pelos demais jogadores, do contrário, o jogador pensa um pouco mais e apresenta uma nova relação, ou, não conseguindo ou não sendo reconhecida e aprovada novamente pelos demais jogadores, passa a vez. Um dos desafios maiores do jogo é que cada relação apresentada não pode ser mais utilizada nas próximas jogadas, forçando os jogadores a produzirem relações originais e inusitadas entre as peças-objetos já usadas e as que eles ainda têm em mãos. Chaveiros, canetas, agendas de papel, medicamentos, artigos de maquiagem, carteira, niqueleira, celulares, garrafa d'água, chiclete, eram alguns dos objetos-peças que desafiaram os jogadores a produzirem relações, sendo que alguns desses objetos foram escolhidos por mais de uma pessoa no momento de selecioná-los dentre seus pertences, quando ainda não conheciam as regras do jogo.

O objetivo desse jogo, no contexto de análise conjunta dos três filmes vistos na semana anterior, era o de descartar, de uma vez por todas, a crença de que os filmes têm uma “caixa preta”, uma única verdade que precisa ser desvendada, um “gabarito” de respostas certas que mede forças com quem lhes assiste e, também, com quem fala, escreve e ou conversa sobre eles. O propósito era deixar que os alunos e alunas do curso ficassem à vontade para produzir relações pessoais e inusitadas sobre os filmes, tanto sobre aqueles que havíamos visto na semana anterior quanto a todos os outros que eles ainda veriam vida afora, seja na fruição do entretenimento ou buscando exemplares para o trabalho na escola. Pois, a ideia era que no momento em que produzissem relações consistentes sobre um filme, ou entre alguns filmes, e que, de alguma maneira, seus interlocutores conseguissem enxergar o que eles indicaram como relação, se sentissem seguros para seguir em frente e trabalhar com

aquele ou aqueles filmes com seus alunos. Minha intenção era que eles percebessem que os filmes estão aguardando pela produção de sentidos de quem assiste a eles, podendo esses sentidos serem gerados sem o uso de uma cartilha com um passo a passo. Entendida dessa maneira, a sala de aula, pela multiplicidade e diversidade que lhe são inerentes, é uma fonte de possibilidades, contextos e significações para acolher e revirar o cinema, seja, por exemplo, para descobrir filmes que vão ao encontro de assuntos que estejam na pauta dos alunos e de seu professor, seja para produzir olhares inusitados e singulares sobre velhos e novos filmes. Avaliamos o nosso jogo de dominó como estratégia para refletirmos sobre as leituras possíveis que poderíamos fazer sobre filmes e retomamos a análise dos três filmes vistos no encontro anterior.

Antes de terminar o segundo encontro, apresentei o roteiro que seria responsável por mais uma dentre as possibilidades de interlocução entre nós até o final do curso – a elaboração dos projetos. Esclarecemos sobre os diferentes aspectos do roteiro proposto e pedi que, durante a semana, fossem desenvolvendo item a item desse roteiro, o que, na troca de correspondência eletrônica entre nós, o transformaria em um projeto. Uma vez enviado por e-mail, conversaríamos por escrito até o próximo encontro e entre um encontro e outro. Meu objetivo, ao elaborar o roteiro para a produção de projetos com cinema na escola, entre outras coisas, era o de formalizar o status do cinema como pedagógico, na sua condição de conteúdo e estratégia, visando à produção de conhecimento sobre e a partir de filmes, tanto quanto a aula expositiva, a roda de conversa ou o uso do livro didático, sem, no entanto, esvaziá-la do seu caráter lúdico, fundamental à produção da relação professor-aluno-conhecimento. O primeiro bloco, do roteiro, referente à identificação do/o professor/a era importante para que eu conhecesse um pouco mais sobre meus interlocutores e sobre os contextos nos quais estavam inseridos. Esses dados me possibilitariam refletir sobre suas escolhas para assim ajudá-los a fazer opções para o desenvolvimento do seu projeto.

Roteiro para elaboração de projeto sobre uso do cinema na escola

Identificação do/a professor/a
Nome e idade do/a professor/a:
Formação (magistério/curso superior/outros):

Tempo de trabalho em educação escolar (professor/a, coordenação pedagógica, estão/outros):
Escola (municipal, estadual, particular):
Região da cidade em que a escola se localiza:
Realidade sócio-econômico-cultural da comunidade em que a escola está inserida:
Em relação ao projeto a ser realizado, o/a professor/a é responsável por que turma/ano/disciplina/turno:
Número de alunos:
Quanto tempo/dia/semana/mês tem para desenvolver o projeto dentro da programação total sob sua responsabilidade:
Temática, contexto e abordagem
Tema a ser abordado pelo projeto:
Contexto que deu origem ao interesse pelo tema:
Objetivos com o projeto:
Filmes selecionados:
Situações a partir das quais o projeto será desenvolvido em sala de aula/na escola/na comunidade/na cidade:
Instrumentos de avaliação sobre o envolvimento, participação e produção de conhecimentos, por parte dos alunos (e da escola/comunidade) ao longo do projeto:
Considerações significativas sobre o desenvolvimento do projeto:

O terceiro encontro teve início com uma nova rodada de apresentações e continuou a partir da projeção de curtas-metragens para crianças, com o objetivo de apresentar possibilidades de assistir a filmes com as crianças na faixa etária dos dois aos três anos, na educação infantil, demanda surgida no encontro anterior. Assistimos a um curta inteiro, *O Pequeno Hiawatha*, escolhido pela turma, dentre os filmes os quais pesquisei para atender à solicitação sobre filmes de curta duração para crianças pequenas, e, depois, assistimos, somente ao começo, de *Os três porquinhos e o lobo*, *O patinho feio* e *Fantasia*, todos produzidos pelos Estúdios Disney. Chamamos, novamente, a atenção para a infinidade de filmes de curta duração disponíveis no YouTube, alguns deles lançados comercialmente em DVD. Nesse sentido, vimos alguns trechos do seriado *Pippi das Meias Altas* (no Brasil, *Píppi Meialonga*). Vimos via YouTube, mas também levei os DVDs de alguns episódios da série, adquiridos por mim em diferentes bancas de revista, numa viagem a Portugal. Uma das alunas se lembrou dos curtas do Festival de Cinema Infantil de Florianópolis, comentando sobre filmes que já havia assistido com seus alunos, os quais faziam muito sucesso entre as crianças. Ela acessou a um deles – *João, o galo desregulado* –, numa rápida pesquisa no Google, e assistimos a ele em seguida. Os filmes desse festival abordam temáticas diversas e divulgam estéticas alternativas àquelas que as crianças estão acostumadas ao consumirem a programação de desenhos animados dos canais abertos de televisão, ou até mesmo dos canais pagos, como *Discovery Kids*, *Nickelodeon*, *Disney Júnior*, *Tooncast*, *Baby TV*, *Cartoon Network*, *Gloob Gloob*, *Boomerang*, entre outros. Alguém também se lembrou do *Festival Anima Mundi*.

Lembramos ainda que, para esta faixa etária, o importante é identificar junto às crianças os filmes que mais as mobilizam e assistir a eles repetidas vezes. Nessa faixa etária, a repetição tem um papel fundamental, que possibilita a apropriação da narrativa e a consequente possibilidade de verbalizar, comentar, conversar sobre os filmes de que tanto gostam, elaborando, simultânea e gradativamente, os conteúdos dos mesmos, na relação com suas vivências e histórias de vida, tal qual acontece com os livros de literatura infantil. A grande diferença é que os filmes dispensam os adultos para que as crianças tenham acesso à narrativa, uma vez que são dublados, privilegiando a cultura oral. As crianças de dois a seis anos, as quais estão se deparando e procurando interagir com as linguagens que lhes narram o mundo e lhes propiciam possibilidades de expressão e comunicação, precisam do adulto para conhecer o enredo de uma história; ao ligar a TV para acessar a um canal de desenho animado, ou colocar um DVD ou entrar no YouTube, as mídias se encarregam sozinhas de contar a história, atendendo, prontamente, inclusive, à necessidade de repetição das crianças, quando querem ouvir-ver a história outra vez e outra e outra vez.

O papel do adulto, seja na literatura, seja no cinema, é o de selecionar e apresentar um repertório de histórias às crianças, bem como, de conhecer o repertório de histórias consumido por elas, que vai além daquele selecionado pelo adulto para as crianças, e conversar com elas sobre essas histórias, buscando conhecer quais leituras, significações, apropriações são feitas por elas. Identificar as histórias preferidas das crianças e investigar o motivo pelo qual essas histórias as mobilizam tanto, é uma maneira de conhecer um pouco mais sobre as crianças e sobre como as crianças estão conhecendo e se apropriando do mundo. Dessa maneira, as histórias, sejam as dos filmes, sejam as dos livros, funcionam como uma estratégia de produção de conhecimento em vários sentidos: as crianças começam a conhecer a literatura e o cinema e, por consequência, conhecem um pouco mais sobre sua professora ou professor, que lhes apresentou e fez questão de significá-los como fundamentais à educação delas na escola; o professor conhece as crianças pela relação que elas estabelecem com as situações em que ouvem-veem histórias de livros e filmes; as crianças se conhecem um pouco mais na relação com as histórias de livros e filmes,

identificando-se com personagens, apropriando-se das narrativas dessas linguagens, emocionando-se, conversando sobre eles.

Sem esgotar o assunto e de olho no relógio – lembremos que o fator tempo, naquele contexto, era inegociável –, passei a comentar os projetos enviados ao longo da semana. Consultei um dos professores, aluno do curso, sobre a possibilidade de falar sobre o projeto dele e, com o seu consentimento, começamos a conversar sobre o uso que ele estava planejando fazer de alguns filmes. Neste artigo, reproduzo a troca de correspondência eletrônica que tivemos durante a semana, pois ilustra de forma clara um dos propósitos do curso: a conversa por escrito entre um encontro e outro para o desenvolvimento dos projetos sobre o uso do cinema na escola. Eduardo é professor de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio e tem cerca de 30 anos.

No dia 18 de setembro ele escreve:

Bom dia, professor Gabriel,
em meu projeto gostaria de trabalhar com filmes que apresentam o Efeito Rashomon (o ponto de vista alterando a percepção sobre eventos). Como trabalho com noções sobre narrativa, penso que esse poderia ser um modo interessante de introduzir em sala de aula a relação entre ponto de vista e percepção. Fiz um levantamento de alguns filmes que trabalham com essa ideia, mas receio que vários possam não estar de acordo com a faixa etária dos alunos (14 a 16 anos). Segue lista abaixo:

Rashomon (Título original: *Rashomon*, Ano: 1950, País: Japão, Duração: 1h28min, Direção: Akira Kurosawa)

O Grande Truque (Título original: *The Prestige*, Ano: 2006, País: E.U.A., Duração: 2h15min, Direção: Christopher Nolan)

Bem-me-quer, mal-me-quer (Título original: *À la Folie... Pas du Tout*, Ano: 2002, País: França, Duração: 1h40min, Direção: Laetitia Colombani)

Vertigo – Um corpo que cai (Título original: *Vertigo*, Ano: 1958, País: E.U.A., Duração: 2h09min, Direção: Alfred Hitchcock)

Amnésia (Título original: *Memento*, Ano: 2000, País: E.U.A., Duração: 2h, Direção: Christopher Nolan)

Os suspeitos (Título original: *The Usual Suspects*, Ano: 1995, País: E.U.A., Duração: 1h46min, Direção: Bryan Singer)

O predestinado (Título original: *Predestination*, Ano: 2014, País: E.U.A., Duração: 1h37min, Direção: Spierig Brothers)

Quatro confissões (Título original: *The Outrage*, Ano: 1964, País: E.U.A., Duração: 1h37min, Direção: Martin Ritt)

Clube da Luta (Título original: *Fight Club*, Ano: 1999, País: E.U.A., Duração: 2h31min, Direção: David Fincher)

Pulp Fiction – Tempos de violência (Título original: *Pulp Fiction*, Ano: 1994, País: E.U.A., Duração: 2h34min, Direção: Quentin Tarantino)

Abraço,
Eduardo

Em 23 de setembro lhe respondo:

Bom dia, Eduardo!

Tudo bem!?!

Sabia que eu não conhecia essa expressão "efeito Rashomon"!?! Obrigado por mais essa contribuição. Depois que li sua msg fui fazer pesquisa para saber melhor do que se tratava e te envio um pouco do que encontrei. Entre os sites, um vídeo do YouTube, com uma guria indicando outros cinco filmes que não estão na lista que você me enviou:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_Rashomon(Wikipedia)

<https://www.youtube.com/watch?v=n-Zt-5rrBSU> (Canal do YouTube: Lully de Verdade – vídeo: 5 filmes para entender o efeito Rashomon)

<http://epocanegocios.globo.com/Inteligencia/noticia/2014/05/o-efeito-rashomon.html>(Revista Época)

<http://www.culturaeclima.com/2012/11/rashomon-rashomon-e-um-filme-japones-de.html>(Site Cultura e Clima)

<https://psychocine.wordpress.com/tag/efeito-rashomon/>(Psychocine)

<http://nuno-poiaries.blogspot.com.br/2011/11/proposito-da-polemica-o-efeito-rashomon.html>(Blog Nuno Poiaries)

Em relação ao seu projeto, mais especificamente, penso o seguinte:

- uma vez entendido o conceito pelos alunos, não sei se você deveria passar muitos filmes; talvez mais um ou dois, no máximo, consultando os alunos sobre se eles gostariam ou não de ver mais um (ou dois) filme(s) que explorasse(m) a mesma perspectiva de diferenças de pontos de vista sobre um mesmo acontecimento/situação/história;

- sempre é preciso verificar a indicação do filme de acordo com a faixa etária, para não correr o risco de passar um filme indicado para maiores de 18 anos para alunos com idade inferior, gerando problemas com as famílias, direção da escola, etc;

- penso que pode conversar com os alunos sobre o filme que deu origem a essa expressão e se eles gostariam de assistir a esse filme (pode passar o trailer, mostrar imagens e matérias sobre o filme via Google, mostrar o vídeo do YouTube que te envio com a guria falando sobre esse filme e os outros na mesma linha, etc), mesmo ele sendo em preto e branco, de muito tempo atrás, etc, ou se poderiam assistir a um filme com a mesma lógica mas com temática e tratamento mais contemporâneos;

- penso que a gente que é professor sempre pode fazer uma pré-seleção dos filmes, levando em consideração a qualidade dos mesmos, ou seja, aquilo que a gente considera cinema de boa qualidade, longe do padrão pasteurizado do cinema comercial, e apresentar as possibilidades para os alunos escolherem, dentre os filmes que pré-selecionamos, o que eles preferem assistir. É um jeito de ajudá-los a constituir repertório e, ao mesmo tempo, fazer e avaliar suas escolhas e as deles, com a sua ajuda, contando a eles, por exemplo, um pouco sobre cada filme (época em que foram produzidos, país de origem, conteúdo da trama – época em que se passa a história, conflito e personagens centrais –, se ganhou prêmios, se é diretor ou diretora, etc). Se, do seu ponto de vista, todos os filmes que você pré-selecionou são importantes, por que não deixar que eles escolham ao(s) que querem assistir?

- nesta quinta, vou levar para o nosso encontro um livro para crianças (mas que é para adulto também) que explora essa mesma temática de um jeito muito lindo – *Vozes no Parque*, de Anthony Browne. Conhece? Quem sabe, pode ser um jeito de começar a explorar esse assunto com seus alunos adolescentes, chamando a atenção deles sobre a importância dessa abordagem para qualquer faixa etária.

Bueno, por ora, é isso.

Espero ter te ajudado a organizar melhor as ideias sobre o projeto e trabalho com os alunos.
Seguimos conversando, por aqui ou na Capitólio.
Abraço e até amanhã!
Gabriel.

No mesmo dia, ele me responde:

Muito obrigado, professor Gabriel,
Agradeço todas as sugestões e as referências; vão ser bastante úteis para elaborar o projeto.
Realmente, penso que preciso reduzir bastante a lista de filmes; minha ideia inicial seria a de selecionar os filmes mais improváveis dos alunos encontrarem na TV, como, por exemplo, o filme do Kurosawa. Gosto da ideia do cinema na escola contribuir para ampliar o repertório cultural dos alunos. Porém, quanto mais antigo o filme, mais difícil parece ser engajar os alunos. Acho que seria necessário introduzir aos poucos a linguagem do cinema em preto e branco (talvez inicialmente com curtas). No ano passado tive uma boa experiência com a exibição de um seriado antigo dos anos de 1950 – *Além da Imaginação*. Mesmo em preto e branco houve interesse por parte dos alunos, mas eram episódios de 20 minutos.
Existe um filme recente bastante ruim chamado *Vantage Point*, que usa essa estrutura de múltiplos pontos de vista; o único ponto positivo seria a proximidade com a linguagem visual que os alunos já estão habituados.
Mais uma vez agradeço bastante toda a sua ajuda.
Abraço e até quinta,
Eduardo

Para finalizar esse bloco sobre os critérios para a seleção dos filmes – mas longe de esgotar o assunto – apresentei a lógica peculiar de Nelson Goodman, em seu livro *Linguagens da arte*, em que o filósofo norte-americano nos convida a pensar não sobre o que é ou não é a arte, mas quando é arte? Inspirado livremente nas proposições deste filósofo, retomei os objetivos do jogo de dominó do encontro anterior para reafirmar a importância do contexto em e para o qual os filmes são selecionados, reforçando o ponto de vista que a produção de sentidos do espectador – neste caso, dos alunos – sobre os filmes selecionados – geralmente, pelo professor – para a problematização de um tema-assunto-conteúdo curricular é algo que extrapola as intenções e finalidades de quem os selecionou e, por isso, a importância de levantar inúmeras hipóteses, avaliando prós e contras, ao longo da seleção, como também de envolver os alunos nas conversas que pontuam o processo de escolha dos filmes. Enquanto argumentava a esse respeito, lembrei-me de uma história pessoal, sobre um amigo, vindo das classes populares e encantado com as artes, a quem presenteei, por ocasião de seu aniversário, alguns filmes de gêneros diversos,

dentre eles, dois clássicos do neorrealismo italiano⁷ – *Rocco e seus irmãos*, de Luchino Visconti, e *Ladrões de bicicleta*, de Vittorio De Sica. Meu objetivo na escolha desses dois filmes era que meu amigo, então com vinte e três anos, pudesse produzir alguma identificação entre as histórias dos personagens desses filmes e passagens e situações da sua vida e de pessoas de suas relações familiares e de vizinhança, que ele vinha me contando desde que nos conhecemos. Para minha surpresa, quando, tempos depois, pela ocasião do lançamento de *Linha de passe*, filme de Walter Salles e Daniela Thomas, convidei-o para ir ao cinema, na saída da sessão, cabisbaixo, triste, convicto e indignado, me fez um pedido – que nunca mais o convidasse para assistir a filmes em que pessoas como ele, da classe social dele, ao final de tantos esforços e dribles na dureza da vida, não conseguissem realizar seus sonhos. Não chegava a ser uma situação em que se aplicava o “efeito Rashomon”, mas tínhamos pontos de vista muito distintos sobre a escolha dos filmes. Eu partia do princípio de que vendo filmes como aqueles ele poderia elaborar mais sua condição social, gerando perspectivas diferenciadas de passagem daquela para a condição social que almejava. Ele, por sua vez, queria assistir a filmes que apresentassem experiências de sucesso, de final feliz para pessoas como ele e da sua classe social. Como eu não havia pensado nisso? Será que nunca tínhamos visto juntos nenhum filme com essa perspectiva? Nunca me esqueci dessa história e avaliei que estávamos diante de um contexto em que era pertinente compartilhá-la.

Seguimos para o quarto momento da programação da noite, quando assistimos a três curtas-metragens selecionados da *Caixa 50 filmes*, da Programadora Brasil⁸: *Carnaval dos Deuses* (Brasil. Direção: Tata Amaral. 2010, 9min.), *Cores e Botas* (Brasil. Direção: Juliana Vicente. 2010, 16min.) e *O filho do Vizinho* (Brasil. Direção: Alex Vidigal. 2010, 7min.). O objetivo era recomendá-los tanto às crianças dos anos finais da educação infantil, quanto às crianças e adolescentes do ensino fundamental e médio e, até mesmo, aos estudantes universitários, na medida em que compunham

⁷ O neorrealismo italiano foi um movimento cultural surgido na Itália ao final da Segunda Guerra Mundial, sendo os seus maiores expoentes Roberto Rossellini, Vittorio De Sica e Luchino Visconti.

⁸ Programa da Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura que disponibiliza filmes e vídeos para pontos de exibição, como escolas, universidades, cineclubes e centros culturais, a fim de aproximar o cinema brasileiro do cidadão.

um repertório instigante de filmes de curta-metragem, fosse pelos temas, fosse pela abordagem desses temas, fosse pela estética diferenciada daquela comumente veiculada na televisão aberta e no cinema comercial. Ou seja, dar a conhecer aos alunos, fossem os professores-alunos daquele curso, fossem os alunos deles nas escolas em que trabalhavam, um universo paralelo de cinema, em relação ao universo oficial do cinema veiculado pela tevê aberta e pela pirataria barata dos camelôs. Eu, por exemplo, tive acesso a esse material em uma das etapas de formação de um dos projetos do Programa de Alfabetização Audiovisual. Acesso que, na maioria das vezes, fica restrito a quem procura cursos como esses.

Penso que é importante falar sobre a circulação, socialização e acessibilidade desses filmes porque dizem respeito, entre outras coisas, a uma questão polêmica sobre os direitos autorais. Ou seja, gostaria de chamar a atenção para o fato de que há uma produção significativa de filmes importantes a serem assistidos nas escolas que fica inviabilizada pelas políticas de distribuição, fazendo com que se pense que a produção comercial é a única existente, reduzindo e empobrecendo, infelizmente, dessa maneira, o olhar sobre filmes e a produção audiovisual, principalmente a nacional. Um dos projetos do Programa de Alfabetização Audiovisual, por exemplo, tem como objetivo a produção de filmes de curta-metragem pelos professores e alunos nas escolas públicas do Rio Grande do Sul. Para tanto, procura selecionar, apresentar e analisar com os professores – e, conseqüentemente, estes com seus alunos –, filmes que abordem temáticas as quais dialogam com a realidade dos alunos, com o propósito de que sirvam de inspiração à criação das produções de audiovisuais por alunos e seus professores. Os três curtas que foram exibidos integram um rol de filmes veiculados com esse objetivo. No entanto, nem todos estão disponíveis no YouTube, por exemplo, ou nos sites Porta Curtas e Filmes que Voam, que contêm um acervo significativo de filmes disponíveis gratuitamente, alguns deles, inclusive, com acessibilidade para surdos. Ou seja, ainda é preciso investir muito em políticas não só de produção, mas também de circulação e acessibilidade da produção audiovisual, seja nacional ou estrangeira, para que o grande público conheça outros usos e outras formas de fazer cinema. Um dos aspectos mais importantes de conversar a esse respeito num grupo de um curso como esse é que sempre há quem conhece um site ou outro que compartilha filmes, para baixar ou não, pago ou gratuito e, dessa

maneira, vai se formando uma rede de alternativas de acessibilidade. As dicas dos sites Filmes que Voam e Vimeo, por exemplo, foram dos alunos e alunas desse curso.

A escolha dos três filmes não poderia ter sido mais acertada, pois provocou um debate acalorado entre o grupo, deixando claro que os filmes podem ser um disparador, como também o são os textos escritos com palavras, para subseqüentes conversas e reflexões sobre temas-assuntos-conteúdos diversos e fundamentais do currículo escolar e da vida cotidiana, como racismo, preconceito, autoritarismo, exclusão e inclusão. Acabamos acessando mais um vídeo curto no YouTube– MC Soffia, da Série Empoderadas –, devido à repercussão, principalmente entre as mulheres da turma, do filme *Cores e Botas*, que conta a história de uma menina negra de classe alta, no Brasil da década de 80, que quer ser Paqueta do Programa da Xuxa. Para a maioria das mulheres dessa turma, dentre elas, algumas negras e pardas, o sonho da protagonista do filme foi o delas também, quando tinham a mesma idade. A lembrança do vídeo com MC Soffia se deu pela intensidade do debate que se seguiu a esses filmes, oportunizando o contraponto entre as ilusões de Joana, a menina negra aspirante à Paqueta, e o discurso articulado e a performance como rapper de MC Soffia, uma menina negra de 11 anos que nas letras das músicas que canta exalta a periferia onde vive, sua classe social, a beleza da cor da sua pele e dos seus cabelos crespos - “exótica não é linda”. Faço aqui um paralelo com a história do meu amigo que não queria ver retratada sua realidade pelo cinema, a não ser que tivesse a garantia do final feliz. Desta vez, ao contrário, essas alunas se identificaram com a personagem da menina negra que queria ser Paqueta, mesmo que ela não tenha sido aceita pelo júri branco do teste. Uma das possibilidades seria o fato de a família de Joana, a aspirante à Paqueta, ter rompido o círculo da pobreza, sendo representada como uma família de classe média alta, mas não conseguindo romper o círculo do preconceito racial? Seria esse o motivo da identificação? Remete-me, novamente, a Goodman e a sua pergunta central: quando é arte? Ou seja, neste caso, quando um filme pode ou não produzir identificação no espectador com o conflito que ele está expondo? Como saber de antemão?

O último encontro começou com mais uma rodada de apresentações e continuou com o objetivo de explorar estratégias e instrumentos de busca para

conhecer a produção cinematográfica de todos os tempos, com vistas à constituição de repertório dos professores-alunos do curso e à consequente seleção de filmes para os projetos que eles poderiam futuramente elaborar. Exploramos, inicialmente, o Google e o YouTube, a partir de palavras-chave como “os 100 melhores filmes de todos os tempos”, que nos remeteu, entre outras coisas, a outras listas e gêneros, como “os 100 melhores filmes de terror”, “os 100 melhores filmes infantis”, por exemplo, nos possibilitando um passeio surpreendente, excitante e divertido pelas diferentes idades do cinema e dos gêneros cinematográficos. Principalmente porque os alunos foram indicando sites que utilizavam para suas buscas, ampliando o leque de possibilidades de pesquisa para esse fim. Pedi que me enviassem, durante a semana, suas dicas por e-mail, para que fossem compartilhadas por escrito para toda a turma. A seguir, uma das mensagens recebidas:

Bom dia, professor Gabriel,
Envio abaixo os links de dois sites sobre cinema que eu costumo acessar com bastante frequência. O primeiro é do já falecido crítico norte-americano Roger Ebert: é uma seleção de críticas dos "grandes filmes" da história do cinema (existe também o livro em português com essas críticas: <http://www.amazon.com.br/Grandes-Filmes-Roger-Ebert/dp/8500017651>). O segundo é um site de consulta, repleto de listas dos mais variados gêneros do cinema; o legal desse site é que ele faz um cálculo das críticas positivas e negativas que um filme recebeu e dá "tomates frescos" ou "podres" para os filmes que estão sendo lançados no cinema.
<http://www.rogerebert.com/great-movies>
<http://www.rottentomatoes.com/>
Também lembrei de 2 livros muito bons que podem ser usados para seleção de filmes:
Afinal, quem faz os filmes?, de Peter Bogdanovich (<http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=10935>)
Easyriders, raggingbulls, de Peter Biskind
O do Bogdanovich eu tenho o pdf em inglês.
Também existe uma série recente, do canal inglês Channel 4, que conta a história do cinema:
História do Cinema, uma odisseia (<http://clubedownload.info/baixar/historia-cinema-uma-odisseia-serie-completa>) (também disponível em DVD, à venda em livrarias)
Abraço, Eduardo

Seguimos com a exibição de filmes disponíveis no YouTube, na perspectiva de explorar o acervo desse canal gratuito de compartilhamento. Durante a semana, havia feito uma pesquisa para conhecer um pouco mais sobre o universo desse canal e fiz uma seleção pensando nas possibilidades de encantamento do público contemporâneo de diferentes faixas etárias pelas produções de distintas épocas da história do cinema.

No encontro anterior, uma das professoras comentara, rapidamente, com o grupo, que havia produzido curtas-metragens com seus alunos de cinco a seis anos, na educação infantil, todos eles de terror, gênero preferido daquelas crianças quando o assunto era cinema. Ela havia mencionado essa experiência quando conversamos sobre o projeto do Programa de Alfabetização Audiovisual que objetiva propiciar formação aos professores para a subsequente produção de material audiovisual junto aos alunos nas escolas. Consultei-a sobre a possibilidade de nos apresentar esses filmes e nos contar sobre as diferentes etapas dessa experiência, no quarto e último encontro do curso. Pensando nisso, garimpei filmes de curta-metragem e partes de filmes de longa-metragem que explorassem o universo dos contos de fadas, do terror e da comédia e abri a sessão daquela última noite do curso com uma versão de Georges Méliès para *Cinderela*. Na sequência, vimos um clipe para a música *A noite no castelo*, de Helio Ziskind, um clássico entre as crianças que conheci quando era coordenador pedagógico de educação infantil. Esse clipe, dentre outros tantos disponíveis no YouTube para esta música, traz imagens superpostas, em preto e branco, como num teatro de sombras, do castelo e dos personagens que o habitam, protagonistas da letra da música – um fantasma, uma bruxa e um vampiro. Seguimos assistindo a outro curta de Georges Méliès, *A casa assombrada*. Minha intenção era criar um clima para, em seguida, assistirmos aos filmes produzidos pela professora de educação infantil Aida e seus alunos. Já havia assistido a esses filmes durante a semana, enviados por ela pelo Facebook, e, de alguma maneira, queria fazer um diálogo temporal entre as produções da origem do cinema, como os filmes de Méliès, e as produções contemporâneas, como as dessas crianças e sua professora. Passei a palavra à professora, que nos contou que a ideia de fazer os filmes:

(...) surgiu depois que nossa escola participou do Festival Escolar de Cinema, do Programa de Alfabetização Audiovisual, em que um dos filmes que assistimos era de terror. As histórias foram roteirizadas pelas crianças, sob a minha supervisão; vez ou outra, fazia algumas problematizações, e eu mesma gravei, no meu celular, e foram editadas entre todos no computador da escola e finalizadas, com a inserção de narração – voz em off – e trilha sonora, na minha casa, à noite, quando minha filha pequena dormia e meu marido, solidário, fazia silêncio (...)⁹

⁹ Relato oral da professora realizado durante o curso.

Por fim, assistimos aos vídeos que as crianças protagonizaram com muita desenvoltura, encarnando personagens como Chuck, o brinquedo assassino, legiões de vampiros, o Homem do Saco e Maria Degolada, todos eles assombrando crianças que, bravamente, os combatiam e, quase sempre, os venciam no final. Assistir a esses vídeos e conversar com essa professora sobre o processo de criação e produção deles tomou a maior parte da nossa última noite, pois todos ficaram muito cativados pelo que viram e queriam saber mais sobre o contexto que deu origem àquela produção. Finalizamos o encontro nos divertindo com outros tantos trechos de filmes de Jacques Tati, Harold Lloyd, Buster Keaton e Charlie Chaplin.

3 Considerações finais

Todas as noites, a equipe do Programa de Alfabetização Audiovisual preparava uma mesa na entrada da sala, com água, café, biscoitos, bolos, considerando que a maioria dos alunos vinha direto do trabalho para o curso. E eu levava balas, azedinhas, caramelos, jujubas, pirulitos, para compormos os encontros nos remetendo a uma das minhas lembranças mais gostosas das sessões de cinema. Foram noites muito felizes, em muitos sentidos, em que o conhecimento e a alegria se fizeram presentes, pautando nossas conversas sobre o uso do cinema na escola. Particularmente, fiquei intrigado com a pouca adesão à elaboração dos projetos, pois apenas três pessoas enviaram propostas via e-mail. Quando pensei o formato do curso, avalei que três das quatro semanas seriam suficientes para cada participante dedicar-se à elaboração do projeto, desenvolvendo-o a partir da troca de e-mails entre um encontro e outro. Talvez precisássemos de mais tempo? Talvez a carga horária de trabalho dos alunos e alunas inviabilizasse mais essa tarefa? Talvez a procura pelo curso tivesse mais a ver com a perspectiva de vislumbrar algo mais a respeito da possibilidade de trabalhar com cinema na escola do que elaborar objetiva e concretamente um projeto de trabalho para formalizar, reivindicar, produzir, realizar e avaliar o trabalho com cinema e seu impacto na comunidade das escolas em que atuam? Fiquei sem resposta para essas e outras tantas perguntas. De qualquer maneira, por tudo o que já vivi e conheço sobre os percalços de se trabalhar com cinema na escola, considero que aprender a elaborar um projeto para apresentá-lo formalmente à comunidade escolar, deixando claro os objetivos e as necessidades

para o seu desenvolvimento, é dar um passo além no sentido de sensibilizar a comunidade sobre outras possibilidades de organizar o trabalho docente, de abordar os conteúdos curriculares – mas também daqueles que, mesmo sendo dos interesses dos alunos, não estão contemplados nos programas oficiais de currículo –, da produção da relação professor-aluno-conhecimento, do planejamento detalhado visando às providências para sua realização, da necessidade – mais do que da importância – do trabalho em equipe, tão imprescindíveis à realização cinematográfica. Que bom poder compartilhar um pouco sobre aquelas noites com pessoas que amam o cinema e a escola, como nós. Essa reflexão é uma maneira de estarmos juntos e fazer essa conversa seguir adiante.

Filmes assistidos durante as aulas e sites visitados

100 melhores filmes de todos os tempos - Adoro Cinema – Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/slideshows/filmes/slideshow-114749/>>. Acesso em: set-out-2015.

Site “O Globo” – Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/filmes/uma-lista-de-melhores-filmes-de-todos-os-tempos-feita-por-gente-de-hollywood-13024290>>. Acesso em: set-out-2015.

100 melhores filmes de terror – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6gz5Ob2Cftk>>. Acesso em: set-out-2015.

Melhores filmes infantis – Disponível em: <<http://on.ig.com.br/imagem/2014-11-18/os-30-melhores-filmes-de-animacao-de-todos-os-tempos.html>>. Acesso em: set-out 2015 – Disponível em: <<http://www.1mais1.com/post/os-50-melhores-filmes-infantis-89>>. Acesso em: set-out 2015.

Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis – Disponível em: <<http://www.mostradecinemainfantil.com.br/>>. Acesso em: set-out 2015.

Festival Anima Mundi – Disponível em: <<https://www.animamundi2015.com.br/hotsite/page/index.php>>. Acesso em: set-out 2015.

Filmes que Voam – Disponível em: <<http://www.filmesquevoam.com.br/>>. Acesso em: set-out 2015.

Porta Curtas – Disponível em: <<http://portacurtas.org.br/>>. Acesso em: set-out 2015.

Vimeo – Disponível em: <<https://vimeo.com/>>. Acesso em: set-out 2015.

Filmes e séries comentados e/ou assistidos

O Pequeno Hiawatha – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kID-hddAHBQ>>.

O Patinho Feio – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nzy84pfhcUE>>.

Fantasia – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LfZ6pJ5Kags>>.

Os três porquinhos – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sPzlrQx4FrE>>.

Pippi Meias Altas (Versão em desenho animado) – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ziDp--yGjCI>>.

Pippi Meias Altas (Versão seriada, dublado em português de Portugal) – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7iLkuUF2FoQ>>.

João, o galo desregulado – Disponível em: <<http://www.filmesquevoam.com.br/?s=Jo%C3%A3o%2C+o+galo+desregulado>>.

Carnaval dos Deuses (Brasil. Direção: Tata Amaral. 2010, 9 min) – Disponível em: <<http://censuralivre.blogfolha.uol.com.br/2013/02/18/criancas-papas-e-deuses/>> e <<http://cineedu.com.br/filmes/carnaval-dos-deuses-2/>>.

Cores e Botas (Brasil. Direção: Juliana Vicente. 2010, 16 min.) – Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=cores_e_botas> e <<https://www.youtube.com/watch?v=LI8EYEygU0o>>. Acesso em: set-out 2015.

O filho do vizinho (Brasil. Direção: Alex Vidigal. 2010, 7 min.) – Disponível em: <<http://ofilhodovizinho.blogspot.com.br/>>.

Série Empoderadas – MC Soffia – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yEk2-lolkaA>>.

Série Empoderadas – Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/semanal/empoderadas-e-vez-das-mulheres-negras/>>.

A invenção da infância – Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=a_invencao_da_infancia>.

O balão vermelho – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_SaRIP44CQQ>.

O menino da calça branca – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qnldlxs5NYI>>.

O rolo compressor e o violinista (legendas em espanhol) – Disponível em: <<https://vimeo.com/23398738>>.

Cinderela – Méliès – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NFARE1Z9qZg>>.

A noite no castelo – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=h11-DDDaDOg>>.

A casa assombrada (Méliès) – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Zo2EKNRIQIE>>.

Old cartoons – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E6SS2_oV45A>.

Harold Lloyd - O homem mosca (cena do relógio) - Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VFBYJNAapyk>>.

Tarzan & Boy – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=N3CSoz-vO0Q>>.

Charlie Chaplin - Thelion's cage – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=79i84xYelZI>>.

Charlie Chaplin - O garoto – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-975mtgPzxQ>>.

Buster Keaton Best of – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_J8XM1_rOTg>.

Jacques Tati - Jour de fête (bicicletas) – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y2-7ztrFBfg>>.

Jacques Tati - Jour de fête(sino) – Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=06u0NQ9Vk_o>.

Vídeos produzidos pela professora Aida Batista e seus alunos de 5 e 6 anos – disponíveis em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=TB-LziefXVk&feature=share>>;
<<https://www.youtube.com/watch?v=jdCE3qLlp4s&feature=share>>;
<https://www.youtube.com/watch?v=ANPneRGfp_Q&feature=share>;
<https://www.youtube.com/watch?v=-g_XFBqY9U>. Acessos em: set./out. 2015.

Referências

BERGALA, Alain. *A hipótese cinema*: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; Cinead, Lise/FE/UFRJ, 2008.

BRASIL. *LEI Nº 13.006*, de 26 de junho de 2014. Brasília, 26 de junho de 2014 – Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm>. Acesso em: 01 set. 2015.

BUSQUETS, M.D.; CAINZOS, M.; FERNÁNDEZ, T.; LEAL, A.; MORENO, M.; SASTRE, G. *Temas transversais em educação*. Bases para uma educação integral. São Paulo: Ática, 1997.

DUARTE, Rosalia; ALEGRIA, João. Formação estética audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. *Educação & Realidade*. Dossiê Cinema e Educação. Porto Alegre, v. 33, n.1, p. 59-80, jan./jun. 2008.

FANTIN, Monica. Audiovisual na escola: abordagens e possibilidades. In: BARBOSA, Maria Carmen S.; SANTOS, Maria Angélica dos (Org.). *Escritos de alfabetização audiovisual*. Porto Alegre: Libretos, 2014. p. 47-67.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

FRESQUET, Adriana. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GOODMAN, Nelson. *Linguagens da arte: uma abordagem e uma teoria dos símbolos*. Portugal: Gradiva, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de A. *Linguagens geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de A.; BARBOSA, Maria Carmen S. Cinema, infância e sala de aula: relato sobre uma disciplina e sua perspectiva de formação de professores na universidade. In: BARBOSA, Maria Carmen S. e SANTOS, Maria Angélica dos (Org.). *Escritos de alfabetização audiovisual*. Porto Alegre: Libretos, 2014. p.190-231.

MELLO, Marcos. O desafio de programar filmes para a escola. In: BARBOSA, Maria Carmen S.; SANTOS, Maria Angélica dos (Org.). *Escritos de alfabetização audiovisual*. Porto Alegre: Libretos, 2014. p.265-271.

MIGLIORIN, Cezar. O cinema, a escola, o estudante e a invenção de mundos. In: BARBOSA, Maria Carmen S. e SANTOS, Maria Angélica dos (Org.). *Escritos de alfabetização audiovisual*. Porto Alegre: Libretos, 2014. p.99-107.

XAVIER, Ismail. Um cinema que "educa" é um cinema que nos faz pensar. *Educação & Realidade*. Dossiê Cinema e Educação. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 13-20, jan./jun. 2008.

Gabriel de Andrade Junqueira Filho

Atualmente é Professor Associado do Departamento de Estudos Especializados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1987), mestrado em Educação (Supervisão e Currículo) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1993) e doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental. Atuando nos temas: currículo, planejamento e avaliação, seleção e articulação de conteúdos, práticas pedagógicas, currículo e produção das crianças e das infâncias a partir de múltiplas linguagens, interdisciplinaridade, pesquisa com crianças, formação de professores.

E-mail: gabrieljunqueirafilho@gmail.com

Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5853686933942250>

Recebido em 10 de novembro de 2015

Aceito em 13 de agosto de 2016